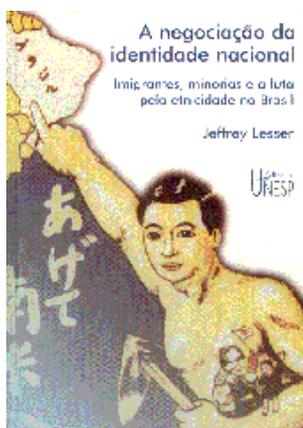


João Pessoa - Número Três - Dezembro de 2001

Migração, etnicidade e identidade no Brasil



LESSER, Jeffrey. **A negociação da identidade nacional: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil.** Trad. Patrícia de Queiroz C. Zimbres. São Paulo: Editora da UNESP, 2001, 344 p.

Carla Mary S. Oliveira

Historiadora e Mestre em Sociologia,
Doutoranda pelo Programa de
Pós-Graduação em Sociologia
da Universidade Federal da Paraíba
(Campus I - João Pessoa)

Algumas vezes constatamos o óbvio. Em quantas ocasiões já não ouvimos dizer que é mais fácil se falar de algo quando se observa o acontecido "de fora"?

Jeff Lesser parece ter feito isso em relação a um tema que, embora possamos não perceber, está tão entranhado em nosso cotidiano que, quase sempre, a própria definição daquilo que significa *ser brasileiro* depende de como ocorre sua percepção pelos indivíduos, ou seja, de como se faz sua construção subjetiva por cada um daqueles que se diz brasileiro.

Em primeiro lugar, o que significa, hoje, *ser brasileiro*? Como Darcy Ribeiro chegou a afirmar, o que é marcante em nosso povo é sua *ninguendade*¹: somos tantas culturas, tantos *brasis*, tantas misturas, que se pode dizer que somos ninguém. Mas também se pode pensar o contrário: o amálgama cultural e étnico que nos dá estofamento possibilitou o surgimento de uma nova identidade, que concilia todas aquelas que a formaram. Sem dúvida, estas concepções são diametralmente opostas. Mais ainda: reduzem o problema em questão a uma bipolaridade simplificadora. O trabalho de Lesser vem justamente ampliar as possibilidades de interpretação das questões da etnicidade e da identidade - especialmente aquela surgida a partir dos imigrantes - no Brasil.

Embasado numa exaustiva pesquisa desenvolvida no Brasil, executada através da garimpagem de documentos até então deixados de lado por outros autores, o norte-americano Jeffrey Lesser focou sua atenção sobre grupos de imigrantes que, usualmente, não vinham sendo tratados nos estudos acerca da construção do discurso da identidade nacional - exceção feita aos japoneses, grupo sobre o qual se pode encontrar extensa bibliografia no Brasil.

A ênfase sempre dedicada aos imigrantes europeus - especialmente italianos e alemães - deixou submersas, segundo Lesser, formas alternativas de negociação desta identidade, onde a cor da pele e o fato de se provir de uma pátria *não-branca* tinham uma implicação muito mais séria para os que chegavam ao Brasil vindos da Ásia e do Oriente Médio. Por isso mesmo, Lesser demonstra, ao longo de sua acurada análise da imigração não-européia para o Brasil, como foi se dando a

construção desta identidade entre os diferentes grupos étnicos que aqui se instalaram.

No primeiro capítulo, intitulado "O hífen oculto", é discutida a miscigenação existente no Brasil, assim como a complexidade de se tratar deste tema no país, especialmente no tocante às questões relacionadas à imigração. Aqui Lesser chega a afirmar que uma "identidade nacional única ou estática jamais existiu: a própria fluidez do conceito fez com que ele se abrisse a pressões vindas tanto de baixo quanto de cima" (p. 20). Segundo ele, a *"'brancura' continuou como um requisito importante para a inclusão na 'raça' brasileira, mas o que significava ser 'branco' mudou de forma marcante entre 1850 e 1950"* (p. 21).

Contudo, também o caráter econômico teve influência sobre a construção destas identidades brasileiras, marcando profundamente a etnicidade, que não *"se referiu à cultura social apenas, incluindo também a cultura econômica"* (p. 25), como o próprio Lesser destaca. Assim, podemos perceber que a construção da identidade do imigrante não se dava apenas a partir de sua chegada ao Brasil, mas sim que representava o ápice de um processo que deitava raízes ainda em sua terra de origem e na cultura pré-migratória. Para Lesser, este fato explica como a etnicidade criada pelos imigrantes - tanto europeus como não-europeus - ao chegar ao Brasil desafiava os conceitos, até então vigentes, de raça. Principalmente no caso dos asiáticos e árabes, fica claro que Lesser viu, nestes grupos, uma característica em comum: todos puseram por terra o ideário sobre raça construído no Brasil durante todo o século XIX e boa parte do século XX.

O segundo capítulo, "A mão-de-obra chinesa e o debate sobre a integração étnica", mostra o modo degradante através do qual os chineses eram vistos e tratados no Brasil desde finais do período colonial até a época do *bota abaixo* de Pereira Passos, no Rio de Janeiro². Vistos como simples mão-de-obra que se equiparava, quando muito, aos negros em "grau" de humanidade, considerados incorrigíveis viciados em ópio, percebidos muitas vezes como um mal necessário, os chineses, no Brasil, tiveram status ainda inferior ao dos *coolies*³ da corrida para o Oeste nos Estados Unidos.

Talvez, ao citar João do Rio, Lesser consiga resumir esplendorosamente a visão que se construiu sobre os chineses que imigraram para o Brasil especialmente no século XIX: algo que remetia à mais baixa e degradante condição humana, a de se estar à margem da sociedade. João do Rio retratou-a numa crônica publicada originalmente em 1905⁴, à qual Lesser recorre como fecho deste capítulo. Nela ele vê a presença dos chineses nas ruas da cidade do Rio de Janeiro *"como um dobre fúnebre"* (p. 70) que prenunciava a chegada de milhares de outros grupos estrangeiros ao país durante o século XX, para a partir daí lutar por seu lugar na construção da identidade brasileira.



Fig. 1 - Charge de Raul Pederneiras, "*o china vendedor de peixe e camarão*", cerca de 1910-1920.

Note-se como o imigrante chinês era depreciado, mesmo em uma ilustração que pretende mostrá-lo como um trabalhador comum nas ruas do Rio de Janeiro do início do século XX: seu rosto parece mais o de uma máscara de carnaval do que o de um homem de carne e osso, seu cabelo longo o torna ainda mais exótico e, por isso mesmo, mais distante da identidade de *brasileiro*.

Em "Construindo o espaço étnico", terceiro capítulo do livro, são apresentadas peculiaridades da imigração proveniente do Oriente Médio. Sírios, libaneses e outros grupos da mesma região chegam ao Brasil já com uma vantagem histórica: a forte relação ibérica com a cultura mourisca. Não eram tão estranhos, mas também não chegavam a ser considerados como iguais, especialmente quando sua diversidade passou a englobar também fiéis que professavam o judaísmo ou o islamismo - e não o cristianismo, como parte dos libaneses que aqui primeiro aportaram - e cuja chegada trazia, também, o impacto de práticas cotidianas extremamente diferentes das brasileiras.

À certa altura, Lesser destaca a existência de uma recusa, por parte dos imigrantes do Oriente Médio, em "*abraçar incondicionalmente a cultura euro-brasileira*" (p. 111), o que teria causado reação significativa entre a imprensa, os políticos e alguns acadêmicos, principalmente nas primeiras décadas do século XX.

Apesar disso, os grupos de imigrantes da Síria, do Líbano e territórios adjacentes chegavam ao Brasil, segundo Lesser, com outra indiscutível vantagem: fisicamente eram quase indistinguíveis em meio à população brasileira, essencialmente mestiça.

Os três capítulos seguintes do livro de Lesser tratam de um grupo de imigrantes já exaustivamente analisados no Brasil: os japoneses. Em "Em busca de um hífen" são abordadas as estratégias utilizadas para se construir a identidade nipo-brasileira, mesmo ainda antes da chegada do *Kasato Maru*⁵, quando se discutia largamente no país a validade da introdução desta etnia nas fronteiras brasileiras, inclusive com tentativas de definí-la como "não-asiática", alçando os japoneses a

uma "posição hierárquica igual ou superior à dos europeus" (p. 160) no imaginário das elites brasileiras de então.

No quinto capítulo, "negociações e novas identidades", Lesser analisa o lugar social ocupado por japoneses e seus descendentes no Brasil dos anos 30 e 40, chegando inclusive a destacar a atuação de um dos mais misteriosos grupos políticos que existiu na colônia nipônica do Brasil, a *Shindo Remmei*⁶, que perseguia e assassinava os imigrantes que acreditavam na derrota do Império do Sol Nascente na II Guerra Mundial.

Fica claro, no texto de Lesser, que enquanto as sociedades secretas nipônicas foram responsáveis pela preservação da identidade pré-migratória, no pós-guerra foi justamente o processo de sua extinção que possibilitou o surgimento de uma nova identidade nipo-brasileira, formada pelos *nikkeis*⁷ e construída com base na negociação com os elementos da cultura brasileira.

Em "Tornando-se japonês", sexto capítulo de sua obra, Jeffrey Lesser discute a visão que se construiu, no Brasil, acerca do Japão, abordando de modo especial os relatos de viajantes e diplomatas brasileiros que "descobriram" aquele país para destrinchá-lo para os leitores brasileiros, desde fins do século XIX e durante boa parte do século XX.

Mais significativa e profícua se torna, aos olhos de Lesser, essa "relação literária" e de descoberta entre os intelectuais brasileiros e o Japão, à medida que avança o século. Talvez se possa mesmo dizer que essa prospecção de relatos e interpretações sobre o Japão tenha facilitado, de algum modo, a "contra-mão" imigratória dos *dekasseguis*⁸. O próprio Lesser destaca:

"Entre 1950 e 1990, mais de 50 mil imigrantes japoneses se estabeleceram no Brasil, enquanto 200 mil nikkeis foram trabalhar no Japão. As negociações da identidade nacional estavam longe de terem sido concluídas." (p. 289)

O último capítulo de **A negociação da identidade nacional** traz o título de "Um epílogo sugestivo". E possivelmente seja o trecho em que Lesser vai mais fundo em seu olhar sobre os imigrantes não-europeus no Brasil. Para ele, o processo de construção da identidade nacional brasileira teve, nestes grupos étnicos, um forte componente tanto econômico quanto cultural, especialmente no que se refere às elites:

"A ampliação da identidade nacional para incluir os sírio-libaneses e os nikkeis permitiu que a elite brasileira fosse enriquecida, ao modesto custo de deixar enfurecidos alguns ideólogos abertamente racistas. (...) Hoje, os sírio-libaneses e os nikkeis parecem estar mais integrados à nação brasileira que os pobres de ascendência polonesa que vivem no Paraná." (p. 294)

Em síntese, Jeffrey Lesser considera que a negociação de uma identidade hifenizada, no Brasil, está tão presente hoje quanto nas décadas de 20 e 30 do século passado. A grande ironia de todo esse processo está, segundo ele, no fato de que o que no seu início representou uma tentativa de "europeizar" e "branquear" o Brasil criou, na verdade, *"uma sociedade imensamente multicultural"* (p. 300).

Rio de Janeiro, jul./ 2001 - João Pessoa, set./2001.

Bibliografia

- MORAIS, Fernando. **Corações sujos**. São Paulo: Cia. das Letras, 2000.
- RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.
- RIO, João do (João Paulo Emílio Cristóvão dos Santos Coelho Barreto). **A alma encantadora das ruas**. Org. de Raúl Antelo. São Paulo: Cia. das Letras, 1997 (Col. "Retratos do Brasil", vol. 11). Há uma versão *on line*, contendo o texto integral da 1ª ed. (1908), disponível no acervo digital da Biblioteca Nacional, com notas de João Carlos Rodrigues: http://www.bn.br/bibvirtual/acervo/alma_encantadora_das_ruas.zip. Acesso em 13/ ago./ 2001.

Fonte da Ilustração

- COSTA, Luiz Edmundo. **O Rio de Janeiro do meu tempo**. 2ª ed. Vol. 1. Rio de Janeiro: Conquista, 1957, p. 191.

Notas

1) Conceito formulado por Darcy Ribeiro em seu livro **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**, que ele reafirma em depoimento à jornalista Paula Saldanha, no documentário **O povo brasileiro**, da série "Expedições", lançado em 1996.

2) O *bota abaixo*, na primeira década do século XX, representou a cristalização da visão elitista, liberal e positivista dos donos do poder na Primeira República. Idealizado pelo presidente Rodrigues Alves, consistia num amplo projeto de remodelação do centro do Rio de Janeiro, com abertura de largas avenidas e demolição de inúmeras habitações populares (cortiços e hospedagens) que conviviam com os espaços do poder republicano na capital federal. De inspiração haussmaniana, foi levado à frente pelo engenheiro Pereira Passos, nomeado prefeito do Rio e que, em nome da higiene e da modernização da cidade, fez guerra à população de baixa renda, afastando-a para longe do novo cenário que se construía e representava a modernidade e o progresso em terras tupiniquins.

3) O termo *coolie* era utilizado nos Estados Unidos, durante o século XIX, para designar os "dóceis" operários chineses empregados na construção da Central Pacific Railroad. Sob duras condições de trabalho, muitos dos 15.000 imigrantes chineses que foram contratados aliviavam as dores físicas, o sofrimento e a fome recorrendo ao ópio, o que lhes dava um ar manso, conformado e despreocupado aos olhos dos empregadores e, também, causava inúmeros acidentes de trabalho, já que a maior parte destes operários exercia suas funções sob o efeito de doses maciças do alucinógeno. A ironia do uso do ópio por estes imigrantes está no fato de que, muitas vezes, ele era o responsável pela alta rotatividade nos postos de trabalho dos canteiros de obras, justamente por causar tais acidentes que, muitas vezes, levavam até à morte. Com um fluxo migratório constante e significativo da China para os Estados Unidos a partir de 1820, se tornava extremamente fácil para os empreiteiros norte-americanos encontrar novos coolies para ocupar as vagas que sempre surgiam nas obras.

4) Trata-se da crônica "*Visões d'ópio*", publicada no jornal carioca **Gazeta de Notícias** em 07/ jan./ 1905 e depois compilada na coletânea **A alma encantadora das ruas**, lançada em 1908 pela Editora Garnier.

5) Nome do navio que aportou em Santos em 18 de junho de 1908, trazendo os primeiros 781 imigrantes japoneses para o Brasil.

6) Sociedade secreta japonesa que atuou em São Paulo nos anos 40, logo após o fim da II Guerra Mundial, e que foi profundamente estudada por Fernando Morais em seu mais recente livro, **Corações sujos**, de 2000. O nome *Shindo Remmei*, que significa "Liga do Caminho dos Súditos", traduz fielmente o ideal de seus adeptos: defender, como súditos, a "verdade" sobre o Japão e, principalmente, sobre o desfecho da II Guerra no Pacífico. Para eles, a rendição não era nada além de uma fraude aliada. Era impossível para aqueles homens, que mal recebiam notícias de sua terra natal, acreditar na derrota de um Japão "invencível", que em 2.600 anos nunca perdeu uma guerra sequer. Em menos de um ano, a colônia japonesa, com mais de 200 mil imigrantes, estava profundamente dividida: de um lado os *katigumi*, os "vitoristas" da *Shindo Remmei*, apoiados por mais 80% da comunidade japonesa no Brasil; do outro, os *makegumi*, ou "derrotistas", que receberam o apelido de "corações sujos" dos militantes da *Shindo Remmei*. Sendo uma sociedade secreta militarista e cega executora das tradições japonesas, a *Shindo Remmei* perseguiu e assassinou muitos dos "corações sujos", acusados de traição ao Império do Sol Nascente somente por acreditarem na verdade, especialmente na capital e no interior do Estado de São Paulo.

7) Denominação dada pelos membros da colônia nipo-brasileira à primeira geração de descendentes de imigrantes, sejam eles mestiços ou não.

8) Descendentes de japoneses que fazem o caminho de volta para o Japão, emigrando em busca de melhores condições de vida, tal qual seus ancestrais fizeram ao imigrar para o Brasil.